



Celso Furtado intérprete do Brasil: trajetória, método e obra

Alexandre Macchione Saes - FEA/USP

Alexandre de Freitas Barbosa – IEB/USP

Notas preparadas para as aulas não presenciais.

Solicitamos não divulgar ou usar o conteúdo sem a devida autorização.

Celso Furtado intérprete do Brasil: trajetória, método e obra

Aula 5 - Formação Econômica do Brasil, uma interpretação sobre o Brasil (referências da aula)

Alexandre Barbosa. Formação econômica do Brasil, sessenta anos depois. Alexandre Saes & Alexandre Barbosa. Celso Furtado e os 60 anos de Formação econômica do Brasil. São Paulo: Sesc/BBM, 2020 (prelo).

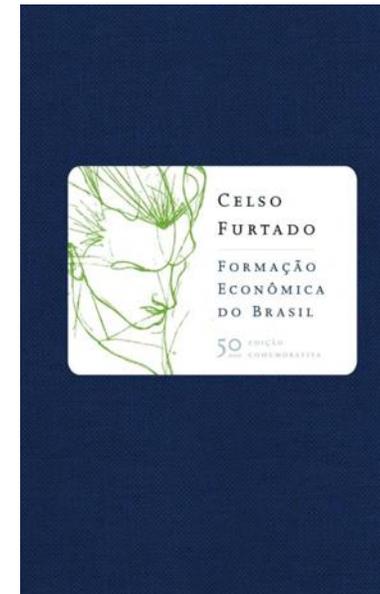
Alexandre Saes e Rômulo Manzatto. Os sessenta anos de Formação econômica do Brasil: pensamento, história e historiografia. Alexandre Saes & Alexandre Barbosa. *Celso Furtado e os 60 anos de Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Sesc/BBM, 2020 (prelo).

Celso Furtado. *Formação econômica do Brasil*. Edição comemorativa dos 50 anos. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

Sugestões de leitura: Francisco de Oliveira. *A Navegação Venturosa - ensaios sobre Celso Furtado*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

Francisco da Silva Coelho e Rui Granziera. *Celso Furtado e a Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Cia Atlas, 2009.

Tarcisio Patricio De Araujo / Salvador Teixeira Werneck Vianna / Junior Macambiara (Orgs.) *50 Anos De Formação Econômica Do Brasil*. Rio de Janeiro: IPEA, 2009.



Celso Furtado, 1957-59

Breves notas biográficas

- Momento de afastamento da CEPAL: oferecimento do curso *Perspectivas da Economia Brasileira* no Rio de Janeiro em 1957.
- Período sabático em Cambridge (1957-58) a convite de Nicholas Kaldor
- Seminários com N. Kaldor, Joan Robinson, Pierro Sraffa, Amartya Sen entre outros - a controvérsia de Cambridge (pós-keynesianos)
- Redação de *Formação econômica do Brasil* (nov. 1957 – fev. 1958)
- Retorno para o Brasil para o BNDES e criação da SUDENE



Celso Furtado, 1957-59

Principais eixos interpretativos de Furtado

“A chave para interpretar a obra de Furtado na juventude é pensar a industrialização voltada para dentro da economia como modo de superação do atraso. A obra de maturidade é entender como a periferia do mundo não foi capaz de reproduzir os padrões de vida social, política e cultura do centro” (Carlos Lessa, 2005, p.12).

“O trabalho intelectual de Furtado, no período que vai até 1964, corresponde a um criativo exercício de refinamento, aplicação e divulgação do pensamento estruturalista” (Bielschowsky, 2000, p.133).

- *Problemática do subdesenvolvimento* entre os desenvolvimentistas nacionalistas: defesa da liderança do Estado; defesa estruturalista da política monetária e cambial; compromisso com reformas de cunho social.

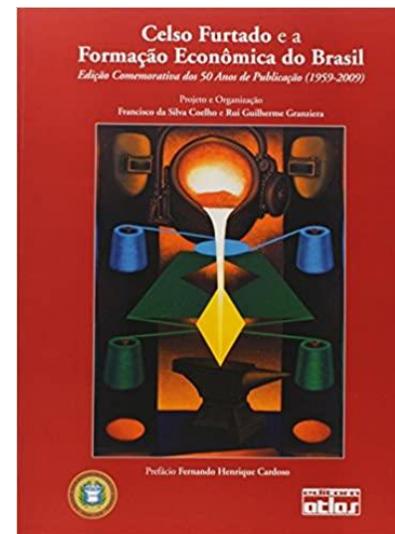


Formação Econômica do Brasil, uma interpretação sobre o Brasil

Os sessenta anos de Formação econômica do Brasil: pensamento, história e historiografia (Saes e Manzatto).

Formação econômica do Brasil (1959)

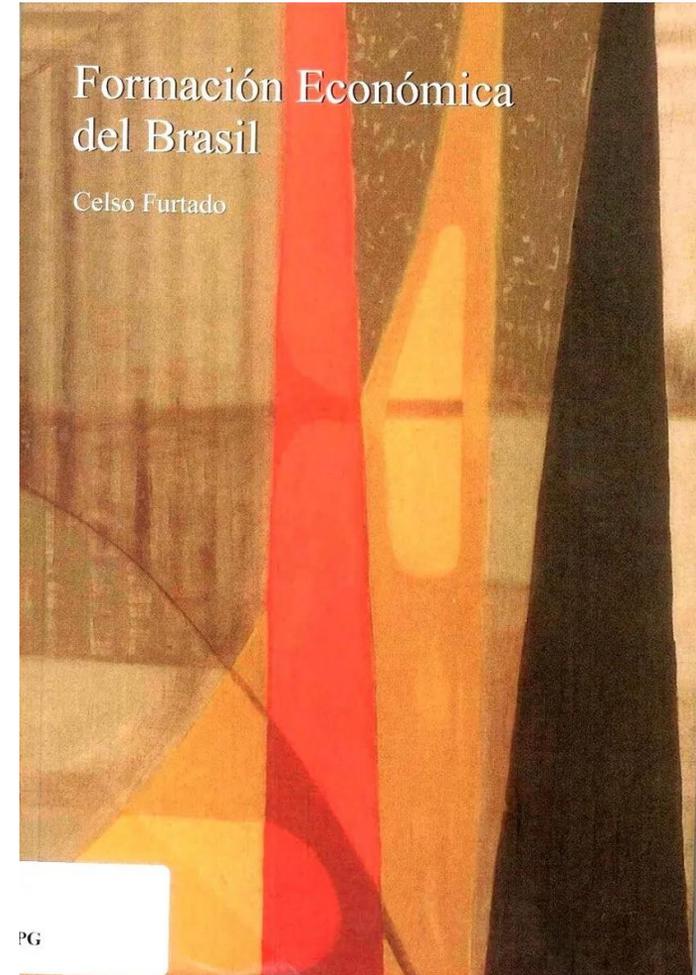
- 5 mil exemplares (jan.1959), 3ª edição com 10 mil exemplares (1960): um dos livros mais vendidos no Brasil.
- 34 edições, mais de 350 mil cópias vendidas no Brasil.
- Tradução para nove línguas: espanhol (1962), inglês (1963), polonês (1967), italiano (1970), francês (1971), japonês (1972), alemão (1975).
- A obra para Furtado: um “simple esboço” da história econômica do Brasil; como “base a um curso introdutório ao estudo da economia brasileira”; para “estudantes de ciências sociais, das faculdades de economia e filosofia em particular”.



Formação econômica do Brasil: algumas notas iniciais

Formação econômica do Brasil (1959)

- Organizado em cinco partes: 1. Fundamentos da ocupação territorial; 2/3 A economia escravista; 4. A economia de transição para o trabalho assalariado; 5. Economia de transição para o sistema industrial.
- Mérito: sistematização da abordagem estruturalista e construção histórica do subdesenvolvimento.
- Preocupação: explicar a razão das estruturas econômicas latino-americanas serem tão distintas das estruturas dos Estados Unidos (cap.5, 6, 18)
- Conceitos centrais (herdados dos trabalhos anteriores, em especial de *A economia brasileira*): socialização das perdas, fluxo de renda.



Formação econômica do Brasil: construção do argumento

Ponto de partida para a transformação da economia nacional

I. Fluxo de renda numa economia escravista (resistente à mudança – cap.9-12; 14):

- Na expansão da economia escravista: não há inovação; apenas expansão extensiva (mais escravos e mais terras); elevação das rendas que geram ampliação dos gastos em produtos importados (2006 [1959], p.85).
- Na crise da economia escravista: regressão para a subsistência; gasto para o financiamento do engenho é praticamente nulo, logo, há sobrevivência da estrutura, sem mudança da estrutura produtiva (2006 [1959], p.91).
- Mesmo com uma crise secular e a deterioração dos ativos, há a manutenção da estrutura da economia exportadora - atrofiada (como da “economia criatória” – os dois complexos nordestinos)

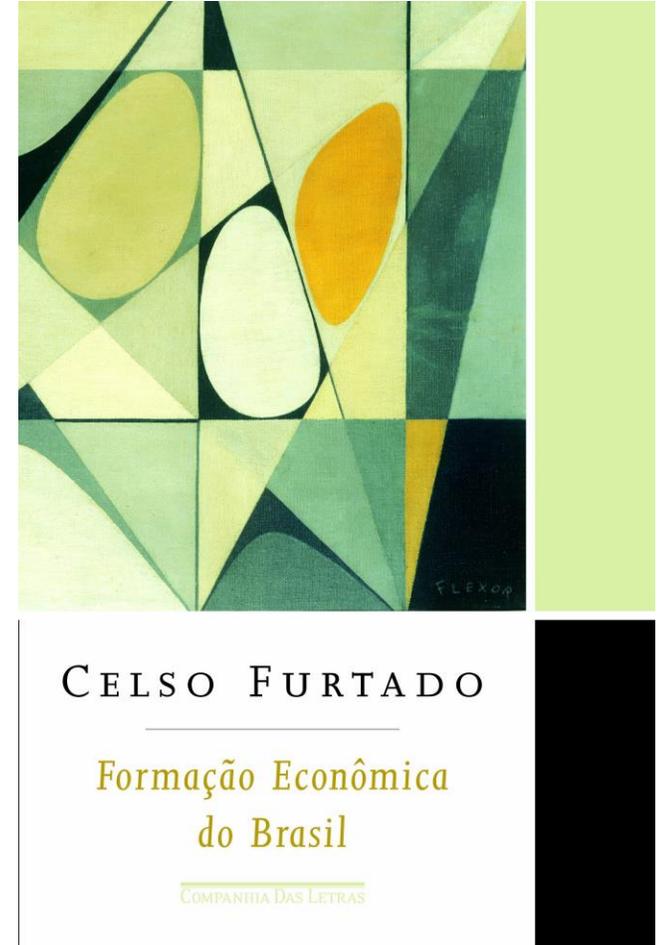


Formação econômica do Brasil: construção do argumento

Ponto de partida para a transformação da economia nacional

II. Fluxo de renda com a introdução do trabalho assalariado (cap.25-26)

- 1870: enorme escassez de mão de obra para uma economia expansão; cafeicultura encontra a solução na importação e assalariamento da mão de obra.
- A “mudança mais significativa do século XIX”: formação de uma economia de mercado interno; diversificação da economia (das fazendas autárquicas para a formação de um mundo urbano industrial); consumo monetários dos agricultores (p.218).
- Consequências: tendências ao desequilíbrio externo, como causa do multiplicador monetário, produzindo uma demanda de importação maior do que as reservas geradas pelas exportações.
- Incapacidade da sociedade produzir o suficiente para atender seu consumo; limites do padrão-ouro na periferia (p.224-5).

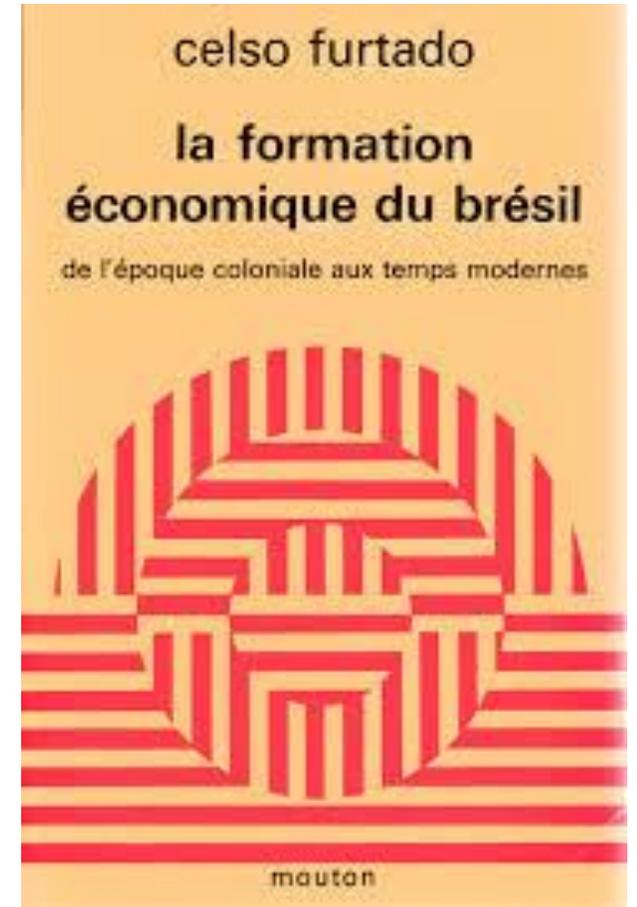


Formação econômica do Brasil: construção do argumento

Ponto de partida para a transformação da economia nacional

III. Socialização das perdas (cap.27-29)

- Crise do setor de exportações: pressão para os empresários (gastos com salários)
- Política de desvalorização da moeda nacional e concentração da renda: a desvalorização compensa as perdas das exportações, mas com um custo elevado para toda a população, consumidora de produtos importados
- Política de defesa do café: empréstimos externos para compra do excedente por parte do governo; controle dos preços. Defesa permanente e incapacidade de controle da oferta e estímulo ao desenvolvimento de produções em outros países.



Formação econômica do Brasil: construção do argumento

Ponto de partida para a transformação da economia nacional

IV. Deslocamento do centro dinâmico (cap.30-32)

- Crise de 1929 e saídas existentes para o governo Vargas:
 - Colher o café ou deixá-lo apodrecer?
 - Colhendo o café, vender no mercado internacional ou destruir?
 - Como financiar a operação?
- Escolha: “política keynesiana antes de Keynes” (p.271); crédito do Banco do Brasil – emissão de moeda; queima dos estoques
- Impactos: (1) evitou a quebra do setor cafeeiro; (2) manteve a demanda do setor cafeeiro e do mercado interno, como resultado; (3) com a desvalorização da moeda nacional, houve a proteção das atividades do mercado interno.



Formação econômica do Brasil: construção do argumento

Ponto de partida para a transformação da economia nacional

IV. Deslocamento do centro dinâmico: consequências

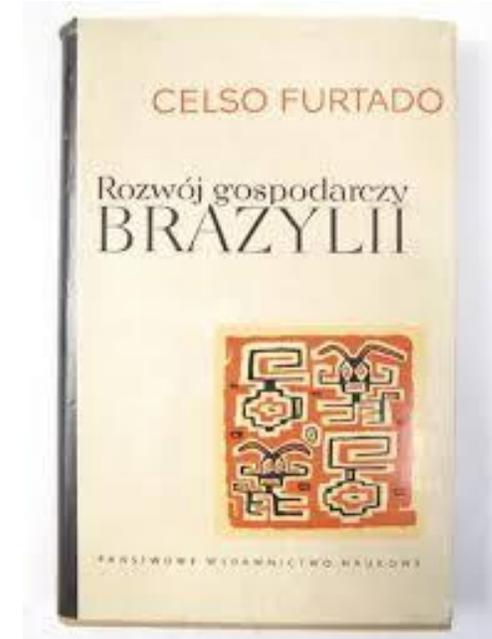
- Dinâmica econômica passou a ser conduzida não mais pela agricultura exportadora, mas pelo mercado interno (definindo nível do produto/renda por meio da demanda do mercado interno)
- Política de desenvolvimento poderia seguir o exemplos de 1930:
 1. Intervenção do governo: manutenção da renda e emprego
 2. Emissão de moeda vs. Austeridade
 3. Crescimento voltado ao mercado interno vs. Vantagens comparativas
 4. Protecionismo (via desvalorização 1930; por tarifas se for preciso)



Formação econômica do Brasil: conclusão

Industrialização, desequilíbrio e o debate sobre a economia brasileira:

- Indústria na periferia sem precedentes: desequilíbrio externo, desequilíbrios regionais e inflação – desenvolvimento industrial sem uma estrutura produtiva diversificada, com rigidez da oferta e agricultura voltada para exportação.
- Planejamento (para além do pleno emprego de Keynes): com o estruturalismo de Furtado, seu papel era coordenar os esforços de industrialização, para reunir condições para superar os obstáculos estruturais que limitam o desenvolvimento (Bielschowsky, 2000, p.136)



Formação Econômica do Brasil, uma interpretação sobre o Brasil

A recepção de clássico: *Formação econômica do Brasil* (1959-70)

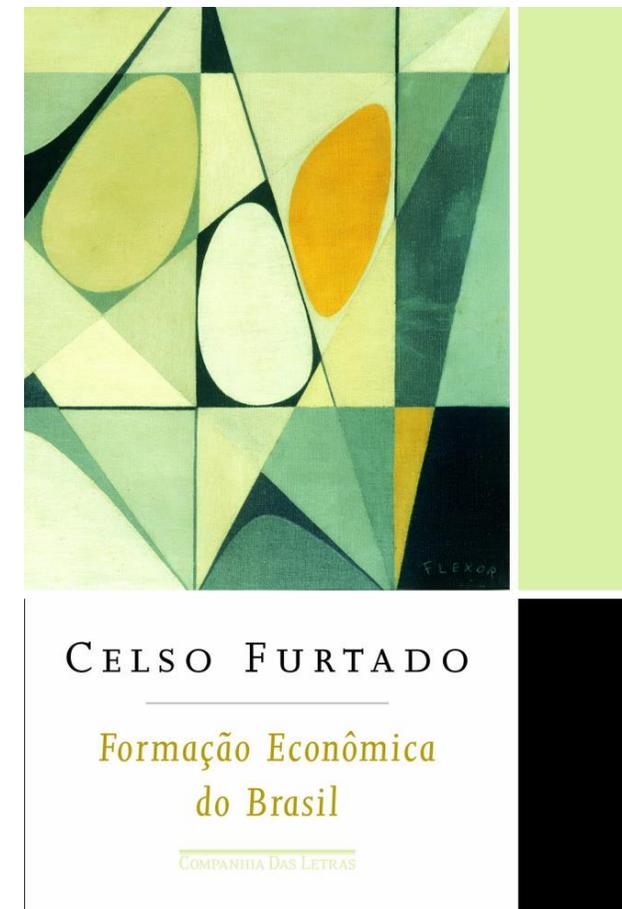
- Rápida disseminação: qualidade discursiva, sistematização de uma interpretação histórica e econômica [hegemonia do nacional desenvolvimentismo].
- Fortuna crítica de FEB (2009): 4 resenhas de 1959, 7 textos até meados de 1960, e outros 6 nos dez anos seguintes.
- Resenhas de autores brasileiros que avaliam a obra de Furtado dentro da historiografia nacional; prefácios e apresentações de autores estrangeiros, com um olhar para a teoria desenvolvimento.
- Depoimento de Affonso Pastore (sobre 1959): “Ela (Alice Canabrava) dizia o seguinte: foi o Simonsen que fez, que levantou os dados todos. Os outros dois escreveram o livro em cima do trabalho do Simonsen, um em uma linha marxista e o outro tentando aplicar Keynes” (BIRDEMAN et al, 1996, p.215).



Formação Econômica do Brasil, uma interpretação sobre o Brasil

A recepção de clássico: *Formação econômica do Brasil* (1959-70)

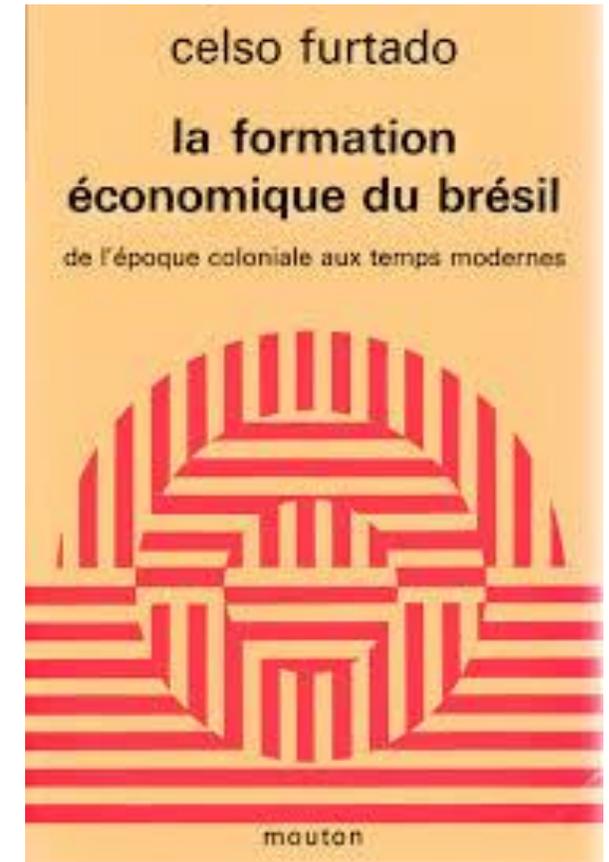
- Uma “economia retrospectiva”: Furtado teria fracassado em oferecer uma análise histórica, sem uso de fontes primárias e com excesso de economicismo. Inexistência das categorias marxistas, da análise das classes sociais (N.W.Sodré; Renato Arena; Paul Singer; Paulo Sá, 1959).
- Fernando Novais (1961) e Francisco Iglésias (1963): Celso Furtado no panteão dos clássicos da história econômica do Brasil.
- Autores estrangeiros: “primeiro teórico moderno de economia do Brasil” (Hans Muller, 1963), representante da “nova economia” dos países subdesenvolvidos (Leister, 1960), “principal porta-voz de uma escola de pensamento significativa no Brasil” (Dean, 1965).
- Ignacy Sachs (1967): “poder comparar as trilhas concretas percorridas por determinados países”; Urquidí (1962): “econômica moderna em retrospectiva histórica”



Formação Econômica do Brasil, uma interpretação sobre o Brasil

Formação econômica do Brasil no debate historiográfico, 1970-80

- 1970: consolidação da obra como uma espécie de cânone, entre as grandes obras interpretativas da história do Brasil, e uma obra que tornou-se um roteiro para cursos de história econômica.
- FEB: da economia brasileira para a história econômica do Brasil; Furtado também avança em sua produção.
- Frederic Mauro (1971): ao descrever a “dinâmica econômica do passado brasileiro, Furtado faz história econômica do Brasil”; propõe “retomar cada um de seus capítulos e, com a ajuda das monografias existentes e das novas pesquisas de arquivos, fazer livros sobre eles”.
- Werner Baer (1974): alguns especialistas retornaram, obviamente, a seções específicas do livro, tentando provar ou refutar certas generalizações de Furtado”



Formação Econômica do Brasil, uma interpretação sobre o Brasil

Formação econômica do Brasil no debate historiográfico, 1970-80

- Revisões sobre a colônia (Parte 1 e 2): tamanho dos plantéis e dos engenhos; rentabilidade dos engenhos e fluxo de renda da economia açucareira (Barros de Castro, Stuart Schwartz).
- Revisão sobre a reversão econômica mineira (Parte 3): dinâmica do mercado interno e economia de abastecimento (Alcir Lenharo, Roberto Borges Martins, João Fragoso).
- Processo de industrialização (Parte 5): deslocamento do centro dinâmico e políticas anticíclicas do governo Vargas (ISI); versus industrialização induzida pelas exportações.
- Questão: revisões de partes da interpretação, mas algum outro modelo explicativo?



Formação Econômica do Brasil, uma interpretação sobre o Brasil

Ainda em formação? A retomada de *Formação econômica do Brasil*, 1990-2010

- O paradoxo dos anos 1980: Furtado como cânone do pensamento econômico brasileiro e como Ministro da Cultura.
- Anos 2000: obra de homenagem aos 80 anos; indicação ao Nobel de Economia (2003); Centro Internacional Celso Furtado (2004); 50 anos de *Formação econômica do Brasil* (2009); expansão do número de teses.
- Governo Lula e o renascimento do debate sobre o desenvolvimentismo: desenvolvimentismo social, novo desenvolvimentismo...
- “O processo de formação de um sistema econômico já não se inscreve naturalmente em nosso sistema nacional”. Furtado. *Brasil: a construção interrompida*, 1992.

